



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **O CONGO NA ESCOLA: COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO, POLÍTICA E CULTURA.<sup>1</sup>**

**Jussara Lia Poletti**

Mestranda em Educação do PPGE/UFES e pedagoga da EMPG “Francisco Lacerda de Aguiar”

**Fábio Carvalho**

Músico, produtor e percussionista da Banda Manimal

Alcione Dias – Atriz e produtora cultural

**RESUMO:** O Projeto Congo na Escola insere-se na proposta político-pedagógica de uma escola pública municipal, sendo fruto de uma construção coletiva envolvendo estudantes, funcionários/as, professores/as e famílias da comunidade, a partir da análise da conjuntura sócio-político-cultural-econômica e da disposição de transformar a realidade. Divulgando para as novas gerações o ritmo do Congo, seus instrumentos, suas cantorias e festejos, o projeto promove atividades que contribuem para a formação de crianças e adolescentes em situação de risco social. Levando aos/as participantes informações sobre a história, ritmo e melodia do Congo; *aprendendoensinando* a compor sobre suas formas musicais e fabricando artesanalmente os instrumentos, podemos afirmar que o projeto oportuniza condições para a produção escolar, sendo notórias a auto-estima, a auto-expressão e o crescimento intelectual e humano, das crianças e adolescentes, que nas oficinas criam, recriam e descobrem suas capacidades de atuarem efetivamente no mundo.

**Palavras chaves:** projeto político pedagógico, currículo, movimentos sociais, cultura.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Fruto da construção coletiva, o Projeto Político Pedagógico “FLA um ato de conquista”, por nós coordenado, foi construído pelos diversos segmentos de profissionais que atuam na Escola Municipal de Primeiro Grau Francisco Lacerda de Aguiar, situada em São Pedro, região periférica da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. O projeto buscou dar entendimento e interpretações coletivas à proposta político-pedagógica da escola, pelos diversos segmentos que nela atuam/atuavam.

No processo de construção do projeto, optamos por iniciar o trabalho abordando com a comunidade escolar a conjuntura sócio-política-econômica-cultural, mediante uma descrição dos efeitos gerados pelas políticas neoliberais na sociedade em geral e, em especial na educação, observando as legislações em vigência.

Buscamos ainda, construir coletivamente uma clara definição de como está organizada a sociedade, suas determinações e contradições, apontar que tipo de escola que se almeja, que tipo de formação em processo produziríamos e que tipo de cidadão/ã se pretende formar, concepções e fins da educação.

Assim, o projeto político-pedagógico trata de um conjunto de princípios que norteiam a elaboração e execução dos planejamentos. Por isso, envolve princípios que são mais permanentes. Ele mostra e define a identidade da escola, refletindo sobre grandes pilares, entre eles: fundamentos ético-político; fundamentos epistemológicos e fundamentos didático-pedagógico.

O projeto político-pedagógico reveste-se da maior importância na medida em que sistematiza as práticas pedagógicas e suas reflexões norteadas pelo espaço social mais amplo, propiciando aos/as professores/as várias questões sobre os fundamentos que subsidiam sua prática, com vistas à elaboração de propostas para sua reestruturação.

Nesse sentido, convencidos/as dos desafios hoje postos aos/as trabalhadores/as, em especial aos da educação, a cada ano instauramos, na unidade de ensino “Francisco Lacerda de Aguiar”, um Fórum de Avaliação do Projeto Político Pedagógico, tendo como meta principal ampliar o conceito de currículo, compreendido “*como tudo que acontece na escola e para além das salas de aula*”, propiciando ao alunado uma escola dinâmica, criativa, complexa, múltipla que respeita diferenças e trabalha a partir de sua/s realidade/s, bem como resgatando o folclore capixaba, com expressões ditas e cantadas por seus familiares.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Iniciado em 1999 e atualmente, na sua segunda etapa, o Projeto Congo na Escola, insere-se nessa proposta político-pedagógica e tem o objetivo de divulgar para as novas gerações o ritmo do Congo, seus instrumentos, suas cantorias e festejos, o projeto promove atividades que contribuem para a formação de crianças e adolescentes em situação de risco social. O músico e produtor Fábio Carvalho e a atriz e produtora Alcione Dias, vêm coordenando durante três anos, o projeto, que criou o grupo para-folclórico *Banda de Congo Mirim da Ilha*. O trabalho se caracteriza pelo direcionamento intencional do/a coordenador/a na formação do grupo musical de congo.

Para entender a conjuntura

Entendemos que estamos vivendo uma fase de transição e que, de acordo com Santos, (1996), estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica. É necessário então desvelar como a dominação e a opressão são produzidas dentro dessa nova ordem vigente.

Santos, (1997), afirma que as sociedades contemporâneas estão passando por processos de transformações sociais muito rápidos e muito profundos, que põem definitivamente em causa as teorias e os conceitos, os modelos e as soluções anteriormente considerados eficazes para diagnosticar e resolver as crises sociais.

Então chama atenção que essas transformações produzem novos paradigmas que atingem o próprio conceito de ciência e pressupõem alterações muito profundas de natureza epistemológica, promovendo uma sensação de crise e falta de esperança, pela não realização das promessas iluministas de emancipação e liberdade social e política, como resultado do uso da razão.

O mesmo autor (em 1997) aborda que o século XX ficará na(s) história(s) como um século infeliz, incapaz de montar casa própria e ter vida autônoma. A década de 80 para ele é uma década polêmica. No seu decurso, aprofundou-se, nos países centrais, a crise do Estado-Providência que já vinha da década anterior e, como ela, agravaram-se as desigualdades sociais e os problemas de exclusão social, principalmente nos países periféricos, chegando a levar alguns países a beira do colapso, devido à dívida externa, a desvalorização internacional dos produtos que colocam no mercado mundial e o decréscimo da ajuda externa.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Por outro lado, foi também uma década dos movimentos sociais e da democracia, do fim do comunismo autoritário, do fim do conflito Leste-oeste e de um certo abrandamento, mesmo que momentâneo, das ameaças nucleares. O autor então denuncia que a ausência de soluções credíveis para os problemas, leva-nos a pensar que o que verdadeiramente está em crise é o modelo civilizacional no seu todo, isto é, o paradigma da modernidade.

Paradigma que é capaz de movimentos contraditórios e complexos como o princípio da regulação e da emancipação. Paradigma, que representou a crença no progresso, através do uso da razão e da ciência, mas que também, segundo Veiga-Neto, (1995), as possibilidades de progresso material criadas pela ciência e pela tecnologia trouxeram em contrapartida, a degradação da qualidade de vida.

Assim podemos afirmar que em todas as esferas sociais vivemos a perspectiva desta crise e uma grande batalha, tendo em vista que a política vigente favorece aos ricos, que a ganância toma o lugar da compaixão, o impulso por lucros relega todas as preocupações sociais, que os ataques não somente estão nos pobres, nas minorias, nas mulheres e nos idosos, mas também nas escolas públicas, nos serviços sociais, nas culturas dos diversos povos, ou seja, nas esferas públicas que poderiam ser importantes impulsionadoras da democracia.

Concordando também com as análises de Anderson, (1995), quando afirma que não cabe realizar um balanço do neoliberalismo por se tratar de um movimento inacabado, mas que política e ideologicamente alcançou êxitos não esperados até mesmo por seus fundadores, com a simples disseminação da idéia de que não há alternativas para seus princípios e que todos têm que se adaptar a suas normas, que o autor chama de fenômeno de hegemonia. Chama-me atenção sua argumentação de que temos a tarefa de oferecer e preparar outros regimes. A virada de uma onda.

No campo educacional, Gentili aponta que os regimes neoliberais defendem um conjunto de receitas políticas que possuem poucas diferenças inter-regionais, submetendo o educacional ao econômico, e afirma que: “*o neoliberalismo precisa – em primeiro lugar, ainda que não unicamente – despolitizar a educação, dando-lhe um novo significado como mercadoria para garantir, assim, o triunfo de suas estratégias*”



*mercantilizantes e o necessário consenso em torno delas*”. (GENTILI, 1995, p. 244-245).

O autor nos remete a outra importante discussão quando questiona como triunfam culturalmente, no plano educacional, os regimes neoliberais e sem pretender esgotar respostas possíveis aponta que o uso abusivo de duas estratégias discursivas tem permitido a estes setores avançar e estender consideravelmente o conservadorismo no campo educacional. O discurso da qualidade e o conteúdo atribuído a ela nas políticas educativas e processos pedagógicos e o discurso de articulação do universo educacional e o universo do trabalho, como única nuance a partir da qual se avalia os efeitos “práticos” da educação.

Conscientes dos desafios da educação na disputa cultural, vários estudos se propuseram entender melhor este movimento que se constitui em projeto de disputa que tanto quer impor um novo senso comum para que se legitime e se aceite as reformas neoliberais como sendo a solução natural da crise através das forças de livre mercado; quanto oportuniza a homens e mulheres refletirem sobre as implicações de suas possíveis escolhas, sobre sua ação, sobre as outras/novas formas de conceber as relações sociais num mundo em transformações.

Toda essa transição paradigmática nos remete a refletir que ela terá que ocorrer em todos os espaços e movimentos que pretendam a emancipação humana. Nos espaços domésticos quanto à divisão sexual patriarcal do trabalho; nos movimentos populares; nas comunidades de bases; nos movimentos dos direitos humanos; nos movimentos ecológicos e feministas; nos movimentos sindicais; nos movimentos escolares, nos movimentos culturais, nos movimentos científicos e nos movimentos específicos dos/as profissionais do ensino.

Na última década o pensador e professor Henry A. Giroux, (1999), lança mão dos movimentos da modernidade, pós-modernidade e feminismo na tentativa de ver de que maneira eles convergem como parte de um projeto político mais abrangente voltado à reconstrução da vida política democrática, ao contrário de lançá-los uns contra outros.

No conjunto destas convergências Giroux segue recolocando a pedagogia democrática não mais definida como algo que ocorre nas escolas, e sim como fundamental para qualquer prática política que lide com questões de como os indivíduos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

aprendem, como o conhecimento é produzido e como as posições dos indivíduos são construídas.

As mudanças apontadas sugerem uma aliança entre educadores/as e outros trabalhadores culturais engajados nas lutas públicas, reinventando linguagens, proporcionando espaços críticos, dentro e fora das escolas, oferecendo outras possibilidades para movimentos sociais se unirem.

Esta posição nos sugere remeter ao que Giroux revela de possibilidades libertadoras de transpor as fronteiras para novas possibilidades políticas e pedagógicas. Tornar a pedagogia atenta ao desenvolvimento de uma filosofia pública democrática que respeite a noção da diferença como parte de uma luta comum para melhorar a qualidade da vida pública. O que também aponta aos/as professores/as a responsabilidade ativa de assumirem questões acerca do que ensinam, como devem ensinar, quais as metas mais amplas pelas quais lutam. Nesse sentido, como afirma Giroux é essencial para a categoria à necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico.

Suas abordagens evidenciam que participar requer responsabilidades desses/as profissionais com os projetos em disputa na sociedade, com a identidade da escola pública, com seu projeto político e com seu processo de formação inicial e continuada.

A geração desse novo discurso serviria para Giroux a um duplo propósito, tanto analisar e indicar os fracassos inerentes à visão tradicional da escolarização, quanto revelar novas possibilidades de pensar e reorganizar as experiências escolares.

Armand Mattelart (2002) destaca que a globalização neoliberal está promovendo uma lobotomização dos cidadãos, ou seja, eles vão ser arrancados, cindidos, afastados de suas raízes, porque querem que eles acreditem que não têm história. Os processos que vivemos hoje datam, no máximo, de duas ou três décadas atrás. Tudo o que vivemos aqui, o que vivemos no nosso mundo de hoje, é um processo muito longo.

Mattelart aborda a forma pela qual a cultura – a própria noção e conceito de cultura – aterrissou nas discussões com relação ao livre mercado, comércio etc. Uma prova magistral disso é constatar como a difusão da palavra globalização foi assíncrona. Por exemplo, ela chegou muito mais rapidamente ao México do que à Espanha. O Brasil já tinha a Rede Globo, então já estava muito pertinho do paraíso global.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Segundo o autor, hoje a linguagem universal é a informática. Com a teoria da informação, o conceito de comunicação foi dissociado do conceito de cultura. A noção de comunicação remete-se então à tentativa de medir a quantidade de informação, sem a menor preocupação em relação ao emissor ou ao receptor – ou seja, os agentes de cultura.

Mattelart acrescenta que os especialistas das organizações internacionais encarregadas do desenvolvimento definiram a cultura a partir de indicadores sócio-culturais ou econômicos, conforme um conceito de desenvolvimento que traduzia o progresso, ou a melhoria, do produto per capita. A partir daí, a cultura foi subdividida em indicadores: quantidade de salas de cinema por cada 100 habitantes, quantidade de jornais, quantidade de televisões, rádios etc. É aí que se insere o discurso da modernização, defendendo o desenvolvimento das chamadas sociedades primitivas, que passavam a ser denominadas subdesenvolvidas. Esse foi um momento-chave.

Com o desenvolvimento do capitalismo internacionalizado, a cultura passou a fazer parte de uma nomenclatura estatística mundial, que tinha como objetivo os serviços – incluindo nessa categoria a noção de cultura, junto com management, turismo, etc. Esse foi o percurso através do qual a cultura pôde ser legitimada como parte do comércio. E, segundo o autor, esse também deve ser um terreno de luta: a classificação estatística das atividades das sociedades humanas.

Juntamente com esse conceito eminentemente mercantil da cultura surgiram as discussões sobre a exceção cultural – que depois se transformou em diversidade cultural e/ou multiculturalismo. Ultimamente, vivenciamos a desregulamentação das comunicações, que é à base da desregulamentação e da desestabilização total ou global do conceito de cultura.

Ainda segundo Mattelart, a partir de um campo de resistências múltiplas, contraditórias, ambíguas e por vezes ambivalentes, foi reconstruído o pensamento sobre a cultura que nos permite pensar em modelos de desenvolvimento humano a partir de culturas singulares.

Na década de 70, explica, lutávamos contra o imperialismo cultural. “*É verdade que tínhamos um conceito monolítico, porque essas eram as condições da luta e era assim que tínhamos que ser, isso nos era imposto*” (2002). Para ele, hoje, diante de um



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

processo de ocidentalização, ocorre uma reutilização da idéia de cultura universal. Os discursos do Banco Mundial em relação a fornecer ao Terceiro Mundo a Internet, de dar o acesso, de dar computadores para que eles possam ter acesso ao saber universal. Mas o que é o saber universal, senão poder interpretar, através da construção dos monopólios de saber, o mundo a partir do século XIX?

Entende o autor que a força do pensamento crítico sobre a cultura provém justamente de ter sido levada em consideração a chamada “revanche das culturas”. Começar a analisar, não partindo de uma modernidade única euro-americana, mas a partir de processos de modernidade que têm multacentros. Devemos reconhecer também a reivindicação da singularidade das culturas que se desenvolve hoje num contexto muito contraditório: poderia ser o retorno às culturas singulares, poderia ser uma forma de pensar e repensar o universalismo, uma nova forma de universalismo, mas também poderia ser uma forma de reflexão sobre si mesmo. Esse é o grande desafio do século XXI. Espera o autor que neste século XXI consigamos resolver o que o século XX não conseguiu.

#### O Congo na escola e o currículo ampliado

Implantado na Escola “Francisco Lacerda de Aguiar”, do Sistema de Educação da Prefeitura de Vitória, o *Projeto Congo na Escola* atende, em sua maioria, a estudantes moradores da Ilha das Caieiras e da Grande São Pedro, contando com a participação de 40 crianças e adolescentes com idade de 4 a 14 anos.

Aos/as jovens estudantes, filhos/as de famílias carentes, foram oferecidas aulas práticas e aulas teóricas sobre a história e a música do congo, ministradas por Fábio Carvalho e Mestre Zé Bento, da Banda de Congo Jovens em Prol da Cultura, além de oficinas de fabricação dos instrumentos tradicionais, sob a orientação do artesão Sagrillo.

Os/as participantes da *Banda de Congo Mirim da Ilha* são despertados/as para novas oportunidades profissionais; desenvolvem novas/outras formas de domínio de conhecimento transdisciplinares e nas apresentações que fazem com artistas de renome, quando são aplaudidos/as e queridos/as pelo público, reforçam a sua auto-estima e passam a valorizar as atividades em grupo.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para dar suporte estrutural ao desenvolvimento do *Projeto Congo na Escola*, foi criada a Associação Cultural Caieiras. Através do acompanhamento de profissionais das áreas pedagógica e médico-odontológica, das Secretarias de Educação e Saúde, e da Unimed-Vitória, que oferece planos de saúde a todas as crianças e adolescentes do projeto. Os/as patrocinadores/as ajudam a manter em plena atividade a *Banda de Congo Mirim da Ilha*, que promove a formação continuada desses/as jovens, para além dos muros da escola.

Ao inserir o ensino e a prática do folclore, o *Projeto Congo na Escola*, primou manter viva na memória das crianças e adolescentes, manifestações culturais que devem ser estimuladas, divulgadas e revividas, como o congo, reconhecido como a mais típica e curiosa manifestação do folclore capixaba. Constituído por elementos provenientes das culturas: indígena, afro-brasileira e portuguesa, que caracterizam basicamente as tradições populares do Espírito Santo.

Levando aos/as participantes informações teóricas sobre a história, ritmo e melodia do Congo no Espírito Santo, *aprendendoensinando* a compor sobre suas formas musicais e fabricando artesanalmente os instrumentos do Congo, podemos afirmar que o Projeto oportuniza melhores condições para a produção escolar e ainda estabelece parceria entre equipe técnica da unidade e coordenação, no sentido de acompanhar o processo de desempenho dos/as alunos/as envolvidos/as, visto que participam do mesmo, tanto alunos/as que apresentam interesse e talento, quanto alunos/as que apresentavam dificuldades nas produções escolares ou não.

Sendo a escola por princípio uma proposta pedagógica que estimula e proporciona ao alunado ações que venham contribuir para o desenvolvimento global dos/as mesmos/as, pode-se afirmar que o referido projeto tem contribuído para esse crescimento, sendo notórias a auto-estima e a auto-expressão e fundamentalmente o seu crescimento intelectual e humano, pois nas oficinas eles imitam, criam, recriam e descobrem suas capacidades de atuarem efetivamente no mundo, opinando, criticando e sugerindo.

Todos os/as alunos/as envolvidos/as aprovam o projeto com muito entusiasmo, bem como suas famílias e comunidade residente próxima à escola, visto que têm o privilégio de acompanhar o som da boa música, aos sábados, quando são oferecidas as



oficinas. Cabe ressaltar, que nas reuniões pedagógicas realizadas para avaliação do processo de aprendizagem e atitudes dos/as envolvidos/as, nota-se significativos avanços sendo de interesse da escola a continuidade da parceria com a coordenação do projeto, para que juntos estejamos estimulando-os/as à continuidade de seus estudos com prazer e significatividade.

#### História/s e “estórias” de São Pedro

O bairro de São Pedro I, onde se situa o “FLA”, está localizado a norte da ilha de Vitória, margeando a estação ecológica/manguezal da Ilha do Lameirão. A ocupação da região remonta a meados dos anos 70, quando tem início a grande luta pela moradia, organizada pelos movimentos sociais na área. Os primeiros habitantes chegam em 1977, passando a residir 30 famílias oriundas, principalmente do interior do Estado e de áreas vizinhas.

Atualmente, o bairro São Pedro apresenta desenvolvimento social e urbano importantes, qualificando-o como região extremamente atrativa para quem quer viver bem: postos de saúde, saneamento, ensino superior, ensino médio, centros educacionais infantis, pequenas indústrias, comércio, prestação de serviços em geral e grande variedade de trabalhos artesanais, que comprovam o rápido desenvolvimento humano na região.

A região de São Pedro, hoje, integra a VII região da capital Vitória e seu desenvolvimento faz parte de um contexto com a instalação de grandes projetos no Estado nas décadas de 70 e 80. Vitória se tornou uma cidade atrativa de grandes contingentes populacionais em função de projetos industriais desenvolvidos por grandes companhias, como a ampliação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), notadamente o Porto de Tubarão e sua Usina de Pelotização; instalação da COFAVI (Companhia Ferro e Aço de Vitória), situada em Cariacica, da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), da Aracruz Celulose e outros projetos que de um modo geral viabilizaram toda uma redefinição do espaço de moradia na Capital.

A região de São Pedro caracteriza-se, principalmente, por grandes áreas de mangue, de planície, morros e algumas propriedades rurais. Atualmente a Grande São Pedro tem uma população de aproximadamente 49.000 (quarenta e nove mil) habitantes



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

distribuídos pelos seguintes bairros: Resistência, Nova Palestina, São Pedro I, II, III, IV, Santo André, Redenção, Condusa e Ilha das Caieiras.

Segundo moradores da Ilha das Caieiras (bairro mais antigo da região), a área era habitada por índios e, posteriormente, também por jesuítas. Depois de muitos anos, instalou-se no local a Fábrica de Cal do Caborê, utilizando como matéria-prima ostras. O nome Caieiras tem origem das pilhas de ostras (chamam-se caieiras) feitas na fábrica.

O próximo bairro a surgir na região foi Condusa, através de doações de lotes pelo Governo Estadual com a transferência dos moradores do bairro Miramar, antiga invasão na Ilha do Príncipe, atual Rodoviária.

A ocupação do espaço físico teve início na parte sul (São Pedro I) e se estendeu para toda região, formando diversos bairros até o local que hoje é conhecido por Resistência.

A maior parte das terras ocupadas era área de mangue, ocorrendo posteriormente, construção de palafitas para moradia das famílias. Em vários locais foram feitos aterros com lixo urbano e, em seguida, com terra. A ocupação estendeu-se lentamente em direção ao canal, em larga faixa ocupada por sub-habitações sem quaisquer condições sanitárias.

Algumas áreas elevadas (maciços) sofreram o mesmo processo como no caso dos bairros São Pedro IV (Santos Reis), Conquista e Resistência.

O contexto da década de 70 era de desemprego, o que motivava a angústia entre um enorme contingente de famílias oriundas do campo, que não paravam de chegar à Grande Vitória. No contorno da cidade, o mangue ainda é moradia dos caranguejos. Mas essa realidade começa a mudar rapidamente no início de 1977, quando surge o bairro São Pedro. Em abril daquele ano a “rádio peão – a informação passada de boca em boca”, produzida pelos moradores com apoio de professores do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, levou para o local dezenas de famílias, originando a maior ocupação de terra de todos os tempos na capital do Estado.

A ocupação se deu com a derrubada do mangue e a construção de palafitas. Era uma luta contra a natureza e o governo, que até então, não havia criado nenhuma alternativa de habitação. A única estratégia que esses migrantes tinham para resolver o



problema da moradia consistia em ocupar os espaços vazios, que no caso eram os manguezais.

Grupos de famílias chegavam, muitas vezes, à noite e nos finais de semana. No primeiro dia demarcavam o lote com piquetes fincados dentro d'água. A madeira para a construção das palafitas vinha no dia seguinte. A ocupação era tensa e intensa, pois em muitas ocasiões alguém demarcava um local já ocupado por um posseiro.

No plano político nacional, a ditadura militar vivia uma contradição: embora os governantes tivessem poder para desestruturar todas as ações ligadas à mobilização popular, desde 1974 as oposições se fortaleciam nos principais centros urbanos do País. Como mecanismo para sustentar o caldeirão a ponto de explodir nas zonas urbanas e, paralelamente, dar resposta aos movimentos populares emergentes, surgem grandes projetos nacionais, de cunho populista, que nem sempre atendiam às necessidades das populações sem-teto.

A luta dos moradores de São Pedro pelo direito à moradia ganhou adesão de diversas instituições, inclusive da Igreja Católica, que nesse caso atuava principalmente através da Comissão de Justiça e Paz. Juntas essas instituições e outros segmentos da sociedade, passaram a integrar o movimento popular, contribuindo para a legitimação e o enriquecimento da organização popular em São Pedro. Dessa forma, o movimento tinha acesso às informações sobre o que acontecia em outras lutas travadas pelo Brasil, como por exemplo, a que ocorria na favela pernambucana de Brasília Teimosa, cujo processo de ocupação assemelhava-se ao realizado em Vitória. Seminários eram organizados para propiciar à população discutir sobre temas pertinentes à mobilização, como exemplo a legislação de uso e ocupação do solo.

As fontes geradoras de renda da região de São Pedro estão no comércio, prestação de serviços, serviço público e atividades da economia informal: pesca, construção civil, comércio ambulante, pequenas cooperativas (desfiadeiras de siri, de pescadores, de doces e salgados, de picolés) e a Usina de lixo que fornece emprego para muitos pais da comunidade escolar. A renda média familiar é de aproximadamente 2,5 salários mínimos.

Atualmente, o bairro São Pedro possui várias organizações sociais e comunitárias, que começaram a surgir com a ocupação, dentre elas: O Movimento



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Comunitário de São Pedro, a MUSP (Mulheres Unidas de São Pedro), Comissão de Saúde, Movimento de Aposentados, dos Idosos, o Sindilixo (Sindicato dos Trabalhadores no Lixo), Movimento de Mulheres da Ilha das Caieiras, Pastorais e diversas Igrejas.

Há ainda diversas formas de organização e manifestação, de caráter informal, caracterizando-se por galeras e grupos, entre eles: galera, funk, capoeira, axé music, tchan, boa parte deles fundados na cultura negra, majoritária na região. A escola sofre também a influência de outros fatores que interferem negativamente no trabalho escolar. Há multiplicidade de crenças religiosas, tendo presença marcante Igrejas evangélicas e católicas, entre outras.

De 1979 a 1981 foram realizadas várias experiências no sentido de estruturar uma escola que pudesse atender à comunidade. Entretanto essas experiências não atenderam às necessidades, levando o Movimento Comunitário a buscar novas alternativas, via mobilização popular. Em 1982, o problema se agravava, tendo em vista o descaso da Prefeitura Municipal de Vitória, levando os moradores a se reunirem em assembléias populares buscando solução. No início de 1983 a comunidade decidiu que haveria escola no bairro, iniciando levantamentos censitários sobre os alunos em potencial, por faixa etária e, principalmente, pesquisa junto a moradores sobre possíveis professores.

A identificação de professores entre os moradores, especificamente mestres integrantes do Movimento Comunitário, representou a grande iniciativa para que a escola pudesse de fato existir. Assim, na primeira semana de fevereiro de 1983, foram realizadas duas pesquisas: uma identificando 553 crianças em idade escolar fora da escola; outra identificando 18 mães, 03 jovens e crianças (estudantes) com coragem e força para enfrentar as “salas de aula”.

Imediatamente, esse grupo de “mestres” começou a se reunir em ciclos de estudos didáticos, com acompanhamento de um único membro com curso superior, a professora Graça Andreatta. Aos sábados essas companheiras de grupo planejavam, estudavam, formavam turmas, coletavam materiais, ensaiavam dar aulas e incentivavam os pais a produzirem material para o funcionamento da escola, que seria na sede do Movimento Comunitário, perfazendo um total de 03 cômodos onde funcionavam 04



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

turmas com 03 horas de aula, atingindo 50 a 70 crianças em cada cômodo e com 02 ou 03 companheiras professoras ensinando. O atendimento inicial chegou a 200 crianças.

A escola começou a funcionar em março de 83, ressaltando o entusiasmo dos pais na identificação das turmas dos seus filhos, no pré-escolar e 1ª série. O método básico foi inspirado no educador Paulo Freire, com palavras geradoras oriundas da realidade social, do movimento organizado e dos alunos. Tudo, da identificação das crianças ao quadro de giz, foi realizado pelo esforço, consciência, luta e no grito do povo de São Pedro I.

A segunda etapa da luta foi pela legalização com o nome dado pelo movimento organizado, entretanto a Prefeitura, sob argumento legal, denominou-a “Francisco Lacerda de Aguiar” pelo Decreto 3.034, publicado no Diário Oficial em 08/07/83.

A terceira grande luta institucional visou a contratação, pela Prefeitura, dos primeiros professores e professoras da escola. Os/as voluntários/as da primeira hora, para efetivação de todo o processo de criação da escola, só aconteceu dois meses mais tarde, em 16/09/83. Enfim, tudo pronto, agora a luta estava consolidada. “Grito do Povo”, o primeiro nome dado à escola, ilustra todo o processo de luta pela consolidação da educação em São Pedro I, agora EMPG “Francisco Lacerda de Aguiar”. Atualmente a unidade escolar atende aproximadamente 1.400 alunos/as, em três turnos, de bloco único à 8ª série, com faixa etária que varia de 07 a 60 anos.

#### O Congo capixaba

O congo é o ritmo tradicional do Espírito Santo. Uma das maiores características do folclore capixaba, a Banda de Congo toca e canta principalmente em festas religiosas, como as de São Benedito, São Pedro, São Sebastião e Nossa Senhora da Penha. Exibem-se também isoladamente. As pessoas simples que fazem parte das bandas utilizam instrumentos feitos por elas mesmas com pau oco, taquaras, peles de animais, folha-de-flandres, ferro torcido e barricas. Ao som de tambores, caixas, cuícas, chocalhos, casacas, triângulos e pandeiros, homens e mulheres cantam velhas e tradicionais toadas, em que há referências à escravidão, à guerra do Paraguai, aos santos de devoção popular, ao amor, à morte e ao mar.

Quando D. Pedro II visitou o Espírito Santo, em 1860, escreveu um documento



onde desenhou o reco-reco de cabeça esculpida, dando-lhe o nome de casaca.

O folclore musical de Vitória segue o ritmo das batidas do congo. E o mais tradicional congo da cidade segue no ritmo da Banda Amores da Lua. Do encontro entre um ferroviário, uma professora e um devoto de São Benedito nasceu a Banda de Congo Amores da Lua. Era 20 de março de 1945, quando seu Alarico Azevedo, dona Jacinta Souza e seu Alfredo Manoel da Silva reuniram-se no então bairro Mulembá, atualmente Santa Marta, e criaram a banda.

Em 25 de dezembro do mesmo ano, com “congueiros” emprestados da Banda de Congo de Gurigica de Baixo, a Amores da Lua fez a estréia na Festa de São Benedito e na Puxada de Mastro, eventos até hoje tradicionais em Santa Marta. O céu emprestou o azul. A lua inspirou o branco. De azul e branco se veste a Amores da Lua. O batismo veio numa noite de luar inebriante que, no terreiro de dona Maria Rosa, sogra de seu Alarico, iluminava o ensaio da banda. Essas cores também vestem São Benedito, santo de devoção das bandas de Congo.

A Amores da Lua se tornou símbolo vivo de tradição e até hoje, com mais de 50 anos, tem entre seus membros familiares de seus fundadores. Atualmente, o comando da banda está com seu Reginaldo Barboza Sales, genro de seu Alarico, falecido em 1981.

São toadas marcadas pelo alongamento das vogais finais no fecho dos versos, o que confere um certo ar melancólico entre as batidas de percussão.

“Ô tindolelê, ô tindolalá, deixa a caixa bater, deixa o congo tocar”.

Se depender da juventude capixaba, este refrão de uma toada popular do congo irá se perpetuar por muitas gerações. A música folclórica de origem africana vem conquistando um número cada vez maior de crianças e jovens, que cantam com uma disposição enormes versos compostos, em sua maioria, no tempo de seus avós. Se bandas pop como Manimal (recentemente contratadas pela Polygram) e Casaca (recentemente contratada pela Sony Music) têm dado uma grande força no sentido de divulgar o compasso quaternário do congo, outras iniciativas com sede nos bairros e nas próprias bandas de congo incentivam a garotada a aprender o ritmo. E o caso do projeto O Congo na Escola, que apaixonou a todos os envolvidos, a começar por seu coordenador Fábio Carvalho: “*Para mim é uma bênção trabalhar a musicalidade das crianças na*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*Ilha das Caieiras, um berço cultural onde há mangue, desfiadeiras de siris e turismo”.*

A Banda de Congo Mirim da Ilha decolou a tal ponto que deu origem a uma associação cultural no bairro. A meninada já se apresentou na Feira do Verde, em seminários de folclore e, também já encarou um público de 20 mil pessoas em um show, na Praia de Camburi, que emocionou o público e também as crianças e adolescentes da banda.

“Quando vi aquele montão de gente fiquei nervoso. Deu um frio na barriga. Mas, quando começamos a batucar, logo subiu uma emoção e o nervosismo passou”.

(o tocador de casaca, Fernando de Jesus Santana, 12 anos).

Para os/as meninos/as, participar de uma banda é oportunidade de sair da rua, fugir do contato com as drogas, a violência, a AIDS. Sem falar que eleva a auto-estima de todos. Aos poucos, eles/as acostumam-se com a vida de artista e despertam admirações nos colegas e na família.

“No início minha mãe não queria que eu tocasse congo, porque achava que era *macumba. Depois que viu um ensaio, ela mudou de idéia”.*

(a madrinha da banda, Débora Caroline Will, 11 anos).

*“Eu tenho colegas que mexem com drogas e querem passar para a gente. É bem melhor participar de uma banda de congo do que mexer com essas coisas que só levam à violência”.*

(o tocador de tambor, Miguel Arcanjo Gomes, de 11 anos).

#### Referências bibliográficas

COELHO, Luzinete Pereira. et al. Projeto Político Pedagógico: “FLA um ato de conquista”. Produção da primeira versão realizada entre os anos 1997/1998, coordenado pela pedagoga Jussara Lia Poletti. Vitória/ES, p. 19-25.

CARVALHO, Fábio; DIAS, Alcione. Projeto o congo na escola. Vitória/ES, 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ; Vozes, 1996.

---





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

GIROUX, A. Henry. Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. Ciberlegenda, nº 8, 2002-03-22.

MATTELART, Armand. Cultura e universalismo na era da mercantilização. Disponível em <http://www.uff.br/mestcii/mattelart1.htm>. Acessado em 22/03/2002.

POLETTI, Jussara Lia. A produção cotidiana da formação continuada de professores e professoras numa unidade de ensino do sistema municipal de Vitória. Trabalho apresentado na disciplina Questões atuais da Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço. Vitória, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

\_\_\_\_\_. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. p.15-37.

---